Élisée Reclus e a Escola Moderna de Francisco Ferrer i Guardia

Rodrigo Rosa da Silva

A Universidade de São Paulo (USP) vive, desde meados de novembro de 2011, um momento de intensas discussões e mobilizações políticas. Parte do corpo discente declarou uma greve contra as arbitrariedades policiais na Cidade Universitária, sempre tão comuns fora dos muros da Academia, e contra as políticas anti-democráticas do atual reitor e do governo do estado de São Paulo. Alunos, professores, trabalhadores e a sociedade em geral discutiu - e segue discutindo - a presença ou não da Polícia Militar no campus; a falta de diálogo dos gestores e burocratas da Universidade, cada vez mais encastelados em seus pequenos ninhos de poder; as estratégias políticas do movimento estudantil; e por fim, e mais importante, a democracia, não como um processo, mas como um valor, voltou a ser tema em diversos espaços na sociedade.

Em meio a tal situação nada mais pertinente que abrirmos um franco debate sobre o papel da escola/universidade na nossa sociedade e a postura do professor diante de tais imposições da realidade, como problemas sociais e econômicos, violência policial, falta de transparência e democracia, mobilização política da juventude. Acreditamos que esse é um momento oportuno para trazer à tona as concepções pedagógicas e políticas do anarquismo, através da vida e da obra do geógrafo anarquista Élisée Reclus. Sua história e seu pensamento poderão auxiliar-nos na busca de compreensão do mundo? Reclus poderá ser uma inspiração para os docentes e estudantes de hoje, uma ignição no motor que nos levará

a colocar em prática nossas mais radicais e sinceras aspirações políticas no campo da educação? Esperamos que cada leitor não passe incólume após travar contato com a vida e as idéias desse "sábio justo e rebelde"[1].

O encontro entre o Anarquismo e a Ciência

Apesar de sua adesão pública ao anarquismo ter ocorrido quando de sua participação na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) em meados da década de 1860, já em 1851, quando escreve uma carta à sua mãe, Élisée Reclus "fala de uma república universal, onde as fronteiras desaparecerão e a solidariedade se fará sem distinções de raças ou de línguas e onde os privilégios serão abolidos" (CUBERO, 2002: 11). Na mesma missiva o jovem estudante, vivendo em Berlim, afirma que "o nosso fim é chegar àquele estado de perfeição ideal no qual nações não terão mais necessidade de estar sob a tutela de um governo ou de outra nação; e a ausência de governo é a anarquia, a mais elevada expressão da ordem" (RECLUS, apud CUBERO, 2002: 10). Assim, podemos notar, desde seus anos de juventude Reclus demonstra possuir posições políticas radicais.

Élisée Reclus figura, ao lado do famoso geógrafo russo Piotr Kropotkin, não somente como um dos fundadores da chamada geografia social, mas também como um dos pensadores que, segundo Francesco Codello, tentou "dar um fundamento científico ao ideal anarquista" (2007: 189). Codello afirma ainda que Reclus não dissociava "a sua pesquisa científica de sua militância política, considerando propriamente a ciência e a sua difusão como um dos meios mais importantes para elaborar uma teoria científica que favoreça o surgimento da anarquia" (2007:196). Portanto, para se compreender a sua produção geográfica é essencial entender seu comprometimento político com o anarquismo.

Em sua obra *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista* o pensador apresenta de forma combinada seu pensamento anarquista e a sua preocupação científica ao abordar os processos sociais em termos de *progresso* e *retrocesso,* rompendo, por um lado com uma interpretação linear ou positivista da história e por outro com a dialética marxista. Assim, Reclus explicita e reafirma a complexidade dos fenômenos sociais e históricos. Transitando por temas políticos, econômicos, religiosos, sociais e educacionais, ao mesmo tempo em que

[1] Como Max Netllau o caracterizou em seu livro biográfico sobre Élisée Reclus.

trata de diferentes experiências históricas, como por exemplo a Comuna de Paris, Élisée faz das páginas deste livro o seu manifesto político e ao mesmo tempo um exercício teórico. Reclus dialogava diretamente com as teorias científicas em voga na época e se opunha ao sistema político vigente e à suas alternativas reformistas. Podemos notar a intenção constante de se associar o ideal libertário à uma determinada produção científica, buscando sempre realizar o objetivo máximo da AIT: a emancipação dos trabalhadores pela obra dos próprios trabalhadores. Reclus, sobre esse tema, afirmava que não "importa uma ciência da qual não se ouse aplicar os princípios porque as fábricas têm interesse em conseguir músculos humanos a preços de fome" (RECLUS, 2010: 66). E de forma categórica, dirigindo-se aos trabalhadores em um opúsculo de grande difusão, dizia: "Queremos saber. Não admitimos que a ciência seja um privilégio, e que homens situados no cume de uma montanha (…) ditem-nos leis. (…) Não aceitamos verdade promulgada: fazemo-la nossa, antes de mais nada, pelo estudo e pela discussão" (RECLUS, 2002: 51-52).

Os meios privilegiados por Reclus para difundir os seus princípios anarquistas, seja pelo seu conteúdo de cunho político ou pela sua prática no trabalho e na investigação científica, foram suas obras de geografia social e sua atuação como educador e orador em espaços formais como Universidades ou em associações operárias, científicas e culturais.

A docência, a produção científica e o movimento dos trabalhadores

A educação foi um tema constante nas diversas obras que escreveu e na sua vida de geógrafo e militante anarquista, seja por seu interesse científico ou pelo seu posicionamento político, seja por ter, já no final da vida, dedicado-se intensamente à docência universitária.

Referente à sua atuação política, há diversas referências que apontam a presença de Reclus nos Congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores (Cf. SILVA, 2011), o que atesta sua militância junto ao movimento operário organizado nascente. No seio da AIT debatia-se, dentre outros importantes temas, a questão da educação e Élisée, ao lado de outros anarquistas, foi um dos principais animadores de tais discussões. No Congresso de 1867 em Lausanne é aprovada a moção que sugere uma educação científica, profissional e produtiva, nos moldes da Educação Integral proposta por Bakunin, e o fim do ensino religioso. Após a repressão à Comuna de Paris, Reclus participa da Federação do Jura, ao

lado de Kropotkin, e continua suas discussões sobre o tema da educação. Em 1882 durante um Congresso da Federação, Élisée reafirma sua opinião de que somente numa sociedade livre, ou seja, sem patrões nem governos, poderíamos realizar a Educação Integral. Ela necessita de solidariedade, igualdade econômica e total liberdade individual para se concretizar.

Foi nesse processo junto aos trabalhadores, que Reclus interessou-se cada vez mais pelo tema da educação e foi figura chave no desenvolvimento de uma proposta pedagógica de orientação anarquista que creditava ao ensino também o papel de ser um meio indispensável de emancipação dos trabalhadores.

Reclus atuou também dentro do campo científico e da educação em duas outras frentes: através da pesquisa e produção de artigos e compêndios de caráter científico e político; e através do ensino da geografia. Mesmo tendo ministrado alguns cursos de geografia a convite de diversas sociedades geográficas de cidades européias entre 1871 e 1875, foi somente em 1894 que tornou-se professor universitário na recém-fundada Universidade Nova de Bruxelas (UNB) - trabalho a que se dedicou até sua morte em 1905 - graças ao prestígio adquirido por sua produção científica, divulgada em revistas de grande circulação como a *Revue de Deux Mondes*, e pelas suas grandes obras geográficas editadas por importantes casas editoriais, como *Histoire d'un ruisseau* e *Histoire d'une montagn*e, *La Terre, description des phénomènes de la vie du globe* e a monumental coleção de 19 volumes intitulada *Nouvelle Géographie Universelle* (Vicente Mosquete, 2007: 13). Seus livros obtiveram enorme sucesso e aceitação tanto nos meios científicos da época como entre leitores em geral, chegando a ganhar traduções para diversos idiomas.

A carreira docente de Reclus foi carregada de atribulações políticas. Em 1892 foi convidado a lecionar na Universidade Livre de Bruxelas (ULB). Reclus somente aceitou incorporar-se ao quadro docente da ULB após a conclusão de *Nouvelle Géographie Universelle* em 1894. Devido à censura e perseguição generalizada a que sofria o movimento anarquista em meados da década de 1890, a ULB decidiu revogar a sua contratação alegando não ser adequado confiar um curso da instituição a um declarado anarquista militante (Cf. Vicente Mosquete, 2007). Instalou-se então um clima tenso na Universidade, com crises internas e expulsões de professores e alunos. Grande parte deles apoiadores de Élisée Reclus. Tal agitação culminou na fundação da Universidade Nova de Bruxelas (UNB), que propunha um

espaço formativo de liberdade científica e tolerância ideológica, propícios à realização das concepções de educação do eminente geógrafo francês. Sendo assim, Élisée Reclus passou a lecionar geografia e outras disciplinas correlatas na recém criada Universidade.

Sua atuação universitária na UNB, segundo Mosquete, passou por três vertentes: primeiro como professor de geografia comparada no *Institute d'Hautes Études*; depois como fundador do *Institut de Géographie* em 1898; e , finalmente, como difusor da teoria e prática geográfica através da *Société d"Études et d'Éditions Géographiques Élisée Reclus*, entre 1898 e 1904. Foi justamente durante este último período que Reclus trabalhou na redação de sua obra geográfica e social mais importante, *L'Homme et la Terre*, em 6 volumes. Nela há uma capítulo inteiro dedicado ao tema da educação (capítulo XI, livro IV, volume VI). Se agregamos a esses referidos tomos outras obras escrias pelo eminente geógrafo, sejam elas de cunho político ou científico, que tratam do ensino da geografia ou de uma análise crítica de nossas escolas e de seus métodos pedagógicos podemos esboçar um quadro com os principais elementos que constituem a concepção de educação de Élisée Reclus.

Anarquismo, Educação e Natureza

Reclus, como todo pensador anarquista, tece suas críticas ao ensino tradicional, o qual classifica de autoritário e aristocrático. O ensino mantido pela Igreja é totalmente rechaçado, como mistificador e alienante. Mas também a educação proposta pelo Estado recebe duras críticas, pois nele Reclus identifica a pura substituição de Deus pelo Estado, pela Pátria e pelas Leis (Cf. RECLUS, 2010). Em sua crítica ao ensino moderno – confessional ou laico, religioso ou estatal – Reclus denuncia, já em meados de 1900, o caráter de prisão que as escolas apresentavam em sua organização espacial e disciplinar (RECLUS, 2011: 19).

Falando aos professores, o geógrafo francês critica a sensação de infalibilidade do professor e sua consequente postura autoritária diante dos alunos: “o amor e o respeito do mestre pela criança deveriam proibir-lhe empregar em seu trabalho de tutela e ensino o procedimento sumário dos antigos déspotas, a ameaça e o terror” (RECLUS, 2010: 19). As suas observações estendem-se à família. Quando os pais pensam, ser proprietários de seus filhos e filhas, a autoridade e a dominação estão instauradas, mesmo que tenham boas intenções. Ou como pensa Reclus, “não decorre da liberdade do pai que ele possa atentar contra a

liberdade do filho" e, comparando à "liberdade" de um carrasco matar alguém, afirma ainda que "a liberdade do pai de família é do mesmo tipo quando este dispõe absolutamente de sua prole para entregá-la ao Estado ou à Igreja: neste caso, ele a mata, ou, ainda pior, avilta-a" (RECLUS, 2011: 17).

Reclus propõe métodos de ensino e práticas pedagógicas, que até hoje podem ser consideradas avançadas, já que não se realizam em quase nenhuma instituição escolar.

Respaldado por suas críticas libertárias à educação, Reclus declara-se adepto da instrução integral, seguindo a mesma tradição de seus companheiros anarquistas Mikhail Bakunin e Paul Robin, aquele que une a trabalho manual e o trabalho intelectual e busca a formação por completo do indivíduo, tomando-o em sua totalidade e estimulando suas potencialidades através de diversos métodos e técnicas (Cf. CODELLO, 2007). Élisée acredita na eficácia desse novo modelo de ensino que, segundo ele, combinaria "curso de adultos, técnicos e profissionais, conferências diurnas e noturnas, exercícios e demonstrações, *soirées* teatrais" (RECLUS, 2010: 46). Seriam, enfim, Universidades Populares a se espalhar pelo mundo todo, buscando a formação dos trabalhadores e do povo para que a ciência se dissemine e seja distribuída "a todos os homens na medida de seu querer e de sua força de adaptação" (Ibidem).

Ao longo do capítulo dedicado à educação da obra *L'Homme et la Terre* Élisée Reclus, para além das críticas mencionadas, propõe novas formas de ensino, novas metodologias. Alguns pontos que merecem destaque dão: a co-educação de sexos; a abolição das provas e exames; o aprendizado colaborativo entre professores e estudantes e entre os próprios sujeitos aprendentes; aprendizado baseado na observação; transformação do mero leitor em autor, passando de uma postura passiva no processo educativo, atribuído aos "alunos", para uma relação ativa com o conhecimento.

Destacamos dois aspectos de seu pensamento educativo: a proposta de ensino ao ar livre, observando diretamente os fenômenos e a Natureza; e sua oposição à utilização de livros didáticos para crianças.

Referente ao primeiro aspecto, Reclus convida, com a convocatória de "volta à natureza!" (RECLUS, 2011: 15), professores e alunos a observarem o mundo à sua volta – os rios, as rochas, as cidades, o céu - e seus fenômenos – a chuva, os ventos, a fauna – bem como a sociedade – os homens e as mulheres em suas relações sociais de convivência,

socialização, troca, etc. Já, sobre livros de geografia para crianças, Élisée, em artigo publicado em 1903, afirma categoricamente: “Aparecem os livros e com eles a primeira lição oficial de geografia que pronuncia o professor aos seus alunos; chegou o momento de submeter-se à rotina e de colocar nas mãos das crianças um atlas selado pelo Conselho de Instrução Pública. De minha parte evitarei tocá-lo; acima de tudo desejo ser perfeitamente lógico em minhas explicações: depois de haver dito que a Terra é redonda, que é uma bola que roda no espaço como o Sol e a Lua, não havia de apresentar sua imagem em forma de uma folha de papel quadrangular com figuras coloridas que representam Europa, Ásia, África, Austrália, as duas metades do Novo Mundo!” (RECLUS, 2011: 20).

O pensamento de Reclus sobre educação influenciou diversos militantes e pensadores anarquistas, bem como marcou profundamente a experiência de alguns pedagogos do final do século XIX e início do século XX. Ao lado de Proudhon, Bakunin e Kropotkin, Élisée forjou os princípios da pedagogia libertária, discutida e colocada em prática através da auação do movimento operário europeu. Nota-se a influência direta da Educação Integral em projetos pedagógicos como os de Paul Robin (Orfanato de Cempuis), Sebastién Faure (La Ruche) e Francisco Ferrer i Guardia (Escola Moderna). E é justamente sobre este último que trataremos de aprofundar, estabelecendo as influências de Reclus no projeto da Escola Moderna de Barcelona, bem como as relações do pedagogo catalão Ferrer com o geógrafo anarquista. Para isso buscaremos traçar os caminhos pelos quais o pensamento reclusiano chegou à Espanha e como se constituiu a Escola Moderna e a proposta de Ensino Racionalista proposta por Ferrer i Guardia em Barcelona.

A presença das obras de Élisée Reclus na Catalunha e na Espanha

A preocupação dos operários espanhóis quanto à educação de seus filhos e filhas se expressa já nos primeiros momentos da organização do movimento sindical no país, desde meados da década de 1870, sob forte influência dos pressupostos da Associação Internacional dos Trabalhadores. Porém, as reformas educacionais interessam também a outros grupos da sociedade espanhola: livre-pensadores, cientistas de diversas áreas, progressistas, maçons. No bojo da renovação científica que ocorria em toda Europa,

fortemente marcada pelo estudo da Natureza e da busca de um sentido universal da vida, algumas dos principais personagens da cena científica e filosófica passaram a ser traduzidos e publicados na Espanha. A divulgação do pensamento geográfico e dos opúsculos políticos de Reclus caminhou ao lado da difusão de outros pensadores científicos como Büchner, Haeckel, Kropotkin que influenciaram as reflexões sociológicas e os estudos sociais dos operários espanhóis.

As obras de Reclus, carregadas desse sentido de renovação intelectual, também foram editadas em cidades como Madrid, Barcelona e Valência. Foi a partir de 1887 que se iniciou o lançamento dos 19 volumes da *Nueva Geografia Universal*, tendo seu último número editado em 1893, a cargo de um comitê de geógrafos e historiadores presidido, coincidentemente, por Antonio Cánovas del Castillo, historiador que foi diversas vezes presidente da Espanha e morreu assassinado por um anarquista italiano em 1897 . Assim, a grande coleção produzida pelo geógrafo anarquista chegou a diversas bibliotecas públicas, particulares e operárias, possibilitando ao grande público tomar contato com o pensamento anarquista ali implícito.

No que diz respeito à Catalunha, em especial, podemos identificar, já na década de 1880, o esforço de militantes anarquistas de orientação bakuninista como Eudald Canivell e Cels Gomis na divulgação do pensamento de Reclus. Através da fundação de sociedades científicas e bibliotecas operárias, mas principalmente do trabalho editorial de grupos anarquistas, as idéias e obras do anarquista francês chega às mãos dos leitores espanhóis. Em 1887 o grupo editor da revista *Acracia* lança *Evolución y Revolución* e os editores de *Los Desheredados* editam o opúsculo *A los campesinos*, ambos traduzidos por Anselmo Lorenzo, um dos pioneiros e maior organizador do anarquismo e anarco-sindicalismo na Espanha. A editora comercial F. Sempere de Valência foi também grande responsável, a partir dos primeiros anos de 1900, pela popularização das obras de Reclus editando diversos títulos a preços populares e com grandes tiragens, como *Historia de uma Arroyo*, *Historia de uma Montaña*, *La Terre* (lançada em parte intituladas *Los Continentes, La Atmosfer*a, etc).

Mas foi, sem dúvida, Francisco Ferrer i Guardia o maior entusiasta de Reclus na Catalunha. A casa editorial Escuela Moderna, parte de seu projeto pedagógico de educação laica, científica e racional, publicou a obra máxima do eminente geógrafo anarquista: *El Hombre y la Tierra*, composta de 6 volumes, traduzida por Anselmo Lorenzo e revisada por Odón de

Buen. Esta obra foi utilizada na educação de muitos filhos de operários e adultos espanhóis que se encontravam fora da escola pública, muito restrita naquela época.

A importância da Escola Moderna na constituição de uma reflexão crítica e científica na Espanha foi tão grande que, muitos anos depois, Federica Montseny, expoente do anarquismo espanhol do século XX declarou durante um encontro em memória de Ferrer que "La Escuela Moderna llenó de escuelas racionalistas pueblos y ciudades de España. Inició una obra editorial que introdujo entre los trabajadores y sobretodo entre los niños, concepciones nuevas. No podrá olvidarse jamás que a las ediciones de la Escuela Moderna se debe la traducción e impresión en España de "El Hombre y la Tierra" de Reclus, y que Malato, Grave, Enrique Lluria y algunos de los grandes revolucionarios científicos, fueron divulgados en España gracias a las ediciones de la Escuela Moderna." (MONTSENY, s/d)

O pensamento reclusiano podia então ser encontrado não somente em bibliotecas particulares de ilustres burgueses e intelectuais, mas também nas mãos de crianças nas escolas anarquistas e em bibliotecas operárias. Assim, o conhecimento, que antes era acessível somente aos ricos e poderosos, podia agora ser compartilhado com a classe operária espanhola.

Francisco Ferrer i Guardia e o Ensino Racionalista

A Escola Moderna de Barcelona foi uma das mais influentes propostas de educação libertária de que se tem notícia. Seus métodos e materiais se difundiram entre os operários e intelectuais de várias partes do mundo durante as primeiras décadas do século XX. Seu idealizador e principal articulador foi Francisco Ferrer i Guardia. Nasceu em Alella, região de Barcelona (Catalunha, Espanha) em 10 de janeiro de 1859, filho de pequenos proprietários rurais de orientação católica. Já muito cedo tornou-se anticlerical, opondo-se à sua família, e aderindo à maçonaria. Trabalhou numa estrada de ferro, onde filiou-se à ala revolucionária do Partido Republicano Progressista sob forte influência de Ruiz Zorilla, chefe do partido. Apoiou movimento pela proclamação da República em 1886 e por conta disso teve de exilar-se na França. Em Paris estabeleceu contato com o movimento operário revolucionário e muitos livre-pensadores e militantes libertários que o aproximaram das idéias anarquistas. Em meados da década de 1890 desenvolveu a maior parte de suas propostas pedagógicas,

ao mesmo tempo em que conhecia pensadores e obras que o inspiraram, como Paul Robin, Sebastien Faure e Élisée Réclus. Tomou contato também, pela primeira vez, com o ensino fora do âmbito confessional e religioso.

Trabalhou como professor de espanhol na França onde ensinou o idioma à senhorita Meunier, uma jovem mulher católica e muito rica, com quem viajou pela Espanha. Expôs à moça suas idéias libertárias e racionalistas, de cunho anti-clerical. Meunier se convenceu das convicções de Ferrer e lhe concedeu recursos financeiros para que o pedagogo pudesse seguir com seu projeto de fundar uma escola baseada em seus princípios.

Em setembro de 1901, de volta à Espanha, fundou a Escola Moderna em Barcelona, contando com 30 alunos, sendo 12 meninas e 18 meninos. Dedicou-se à escola até 1906 quando foi fechada e Ferrer preso, acusado de envolvimento num atentado para assassinar o rei da Espanha. Nesse episódio, acabou absolvido e fugiu do país, voltando posteriormente por motivos pessoais. Uma onda de greves e agitações populares, com ataques à igrejas e motim de militares, ocorreram em julho de 1909 em oposição à guerra contra Marrocos, evento conhecido como a Semana Trágica. Ferrer acabou preso e acusado de ser o instigador da revolta. Foi julgado e condenado à morte. No dia 13 de outubro de 1909 o pedagogo Francisco Ferrer i Guardia morre fuzilado no castelo de Montjuic, na Catalunha.

A base da proposta racionalista de Ferrer foi uma visão científica do conhecimento. Contrapondo-se, essencialmente, à Igreja e seu método confessional e baseado na fé, o pedagogo catalão acreditava que a experiência e a observação dos fenômenos naturais e sociais é que possibilitariam à criança construir um conhecimento livre de preconceitos e mistificações. Somente desenvolvendo livremente suas faculdades mentais é que os indivíduos poderiam criar suas próprias convicções e buscar a emancipação das instituições e visões de mundo que limitavam seu pleno desenvolvimento.

Segundo Ferrer, o propósito do ensino racional era, “substituir os métodos dogmáticos da teologia pelo método racional indicado pelas ciências naturais” (FERRER, 1910). E completa ainda que os professores não deveriam “enterrar conhecimentos na cabeça” das crianças, mas sim tratar de fazer-lhes “nascer na consciência” através da estreita colaboração entre mestres e alunos. Segundo Pere Solà, Ferrer acreditava que a educação deveria estar à serviço da “razão natural”, aquela que se deduz das verdadeiras necessidades humanas, e não da “razão artificial do capital e da burguesia”, que a todo custo tentam inculcar na mente

do povo através das escolas das democracias burguesas (Cf. SOLÀ, 1978, p. 23).
Para atingir seu intento de tornar o ensino livre, racional e científico Francisco Ferrer propôs alguns métodos, compilados e publicados postumamente no livro *La Escuela Moderna*[2]. Dentre diversos aspectos do ensino racional, algumas de suas idéias (propostas e praticadas em sua escola) foram cruciais para a constituição de uma nova concepção de educação, como, por exemplo a coeducação de sexos e a coeducação de classes sociais; e a abolição dos prêmios e castigos na escola.

A influência de Élisée Reclus na Escola Moderna de Barcelona

A Escola Moderna propunha novas relações entre alunos e professores e pretendia criar uma nova forma de educar as classes operárias. Para isso, Francisco Ferrer necessitava de ajuda. Seu livro, *La Escuela Moderna,* publicado postumamente, cita diretamente o eminente geógrafo francês Élisée Reclus. Ferrer compila no capítulo XI – intitulado *Laicismo y Biblioteca* - diversos artigos e notícias veiculadas no *Boletín de la Escuela Moderna*, órgão de informação e divulgação do projeto. Além de tratar do ensino laico, apresenta alguns textos sobre diferentes áreas áreas do conhecimento, como aritmética, história e geografia.
No que se refere à geografia, Ferrer registra que travou um diálogo diretamente com Reclus, através de troca de correspondência, tratando do ensino de geografia. O pedagogo solicitou a Reclus que produzisse um livro didático para as crianças da Escola Moderna. E recebe uma resposta negativa do geógrafo. Élisée Reclus argumenta, em carta à Ferrer no ano de 1903, que "não há texto para o ensino da geografia nas escolas primárias" e continua dizendo não conhecer "um só [livro] que não esteja infectado do veneno religioso, patriótico ou, o que é ainda pior, da mentalidade burocrática" (RECLUS, 2011: 27). E acrescenta que as crianças devem conhecer diretamente os fenômenos, através do contato com a Natureza e pela experiência e observação. Além disso, diz que o ensino oral por parte de professores bem formados e que amam sua profissão seria o melhor método para os estudantes de escolas livres. Ou seja, esse posicionamento frente ao pedido de Ferrer encontra-se em consonância com outros escritos teóricos de Reclus sobre o papel castrador que é exercido

[2] Aqui utilizamos a seguinte edição: FERRER I GUARDIA, Francisco. *La Escuela Moderna*, Espanha: Zero Zyx, 1978.

pelos livros didáticos sobre as crianças.

Diante da recusa de Reclus coube, finalmente, à Odón de Buen, doutor em ciências naturais e catedrático na Universidade de Barcelona, escrever a obra desejada por Ferrer, intitulada *Nociones de Geografia Física*[3], baseada completamente nos trabalhos do próprio Élisée Reclus. A aprovação do escrito por parte do geógrafo francês é confirmada pelo fato de ser ele próprio o autor do prefácio da obra. Trata-se de um texto curto, de grande inspiração poética e com explícito caráter político, crítico do uso da geografia como ferramenta de dominação e anunciador de seu caráter libertador. Nele, Reclus reflete também sobre o ensino da geografia para as crianças. Afirma que o "ensino não deve ter nada de brusco muito menos de brutal; nada que possa deixar uma impressão de impotência nem de dúvida na jovem inteligência que se abre a sua frente; quer dizer, que o estudo deve ser repartido como um alimento natural pedido pela própria criança e livremente assimilado" (RECLUS, 2011: 29-30). E reafirma sua proposta de que os estudantes devem estar em contato com a Natureza e aprender pela observação direta dos fenômenos naturais e sociais. E Reclus acrescenta ainda um outro elemento: a experiência de cada indivíduo, que deve ser levada em consideração no processo educativo. No mesmo prefácio diz: "o jovem estudante passeará com seus pais, com seus companheiros ou com seus professores; verá praias e escarpas, ilhas e penínsulas, grutas, costas, riachos, barrancos, vales, e quando escutar o relato de alguma viagem, comparará em seu pensamento às suas próprias" (RECLUS, 2011: 30).

Em sua última obra, aquela que resume suas reflexões políticas e científicas, *El Hombre y la Tierra*, afirma que a criança só pode compreender "sob a forma concreta" e que "pouco a pouco o que ela tiver visto e ouvido suscitará nela o desejo de uma compreensão de conjunto, de um ordenamento lógico, e então será o momento de fazer-lhe estudar sua língua, mostrar-lhe o encadeamento dos fatos, das obras literárias e artísticas; assim, ela poderá apreender as ciências de outra maneira que não seja pela memória, e sua própria natureza solicitará o ensino comparado". (RECLUS, 2010, p. 18-19).

Odón de Buén, em suas palavras iniciais no livro *Nociones de Geografia Física*, ressalta que essa deve ser uma obra destinada à formação dos professores da Escola Moderna e um suporte para as aulas de geografia, mostrando novamente seguir – como Ferrer – as

[3] BUEN, Odón de. *Nociones de geografia física***.** Prólogo Eliseo Reclus. Publicaciones de la Escuela Moderna. Barcelona, 1905.

orientações de Élisée Reclus sobre o assunto.

Mas Élisée Reclus não era contrário à utilização de todo tipo de livro com as crianças nos processos pedagógicos. Ele mesmo escreveu livros destinados à crianças como *História de um Riacho* e *História de uma Montanha*. Da mesma maneira Francisco Ferrer utilizava como leitura destinada às crianças as obras *As Aventuras de Nono* e *Terra Livre*, ambas escritas pelo anarquista francês Jean Grave. Tal literatura é carregada não de conceitos científicos e fórmulas ou leis naturais, mas sim de imaginação e aventuras, poesia e metáforas. Reclus e Ferrer acreditavam que o estímulo à imaginação infantil através da leitura de livros em que as próprias crianças ou a Natureza são os protagonistas de diferentes experiências, pensamentos, sentimentos e, acima de tudo, ação, alimentaria o desejo de conhecer mais.

Considerações Finais

Francisco Ferrer i Guardia, o eminente pedagogo catalão que foi o principal mentor e articulador das *Escuelas Modernas* em Barcelona – modelo educativo que teve ampla difusão pelo mundo nas primeiras décadas do século XX – teve que lidar com a negativa dada por Elisée Reclus quando a este foi solicitada a produção de um livro didático de geografia para as crianças. A insistente recusa do texto como primeira e principal maneira de ensino de ciências naturais é um traço marcante na concepção de educação reclusiana. O livro, segundo ele, deveria servir somente para os professores, para que tomem contato com as teorias, e com os debates científicos mais atuais. Os livros científicos e cartilhas de geografia não servem para os estudantes.

Porém, é importante frisar que Reclus não se furtou a apoiar a iniciativa pedagógica de Ferrer. Muito pelo contrário. Travou-se um intenso e produtivo contato entre o pedagogo e o geógrafo, que muito influenciou, direta e indiretamente, a concepção do Ensino Racionalista e fundação das Escolas Modernas. Assim como sua prática política na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) ou sua docência em Bruxelas atestam, Reclus manteve um profundo compromisso com a educação dos trabalhadores e com as iniciativas anarquistas nessa área.

Ao compreendermos a relação entre Francisco Ferrer i Guardia e a Escola Moderna com os pensadores e cientistas anarquistas que o apoiaram, em especial o geógrafo Élisée Reclus,

podemos traçar paralelos entre a prática pedagógica anarquista e as propostas políticas do anarquismo sendo colocadas em prática nas experiências pedagógicas: a luta pelo fim da exploração e da dominação do homem pelo homem; a eliminação do Estado e da Igreja; e a organização da sociedade através do apoio mútuo, do federalismo e da autogestão.

Finalmente, lembramos que em suas reflexões sobre o ensino da geografia e em seus escritos sobre educação Reclus demonstra sempre suas convicções tanto em relação à ciência que abraçou, como seu comprometimento com o anarquismo, afirmando uma concepção de educação que realiza a máxima liberdade do educando e rompe com as relações de dominação e autoritarismo na escola e na sociedade.

Bibliografia

BAKUNIN, Mikhail. *A instrução integral*, São Paulo, Imaginário, 2003

BUEN, Odón de. *Nociones de geografia física*. Prólogo Eliseo Reclus. Publicaciones de la Escuela Moderna. Barcelona, 1905.

CODELLO, Francesco. *"A boa educação": experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill*, Vol. 1, São Paulo, Imaginário, 2007

CUBERO, Jaime. "Prefácio", In: RECLUS, Élisée. *A Evolução, A Revolução e o Ideal Anarquista*, São Paulo, Imaginário, 2002

FERRER i GUARDIA, Francisco. *La Escuela Moderna*, Espanha: Zero Zyx, 1978.

MASJUAN, Eduard, "Élisée Reclus i la nova cultura de la naturalesa em els medis obrers de 1900-1936", in ARNAU, Xavier; CALVO, Lluís; GIRÓN, Álvaro; NADAL, Francesc (eds.), *Ciència i Compromis Social: Élisée Reclus (1830-1905) i la Geografia de la Llibertat*, Res.d'Investigadors/CSIC, Barcelona, 2007

MONTSENY, Federica. "Intervención de Federica Montseny el día 9 de octubre de 1959 en el "Palais de la Mutualité" de París, Mitin celebrado en memoria de Ferrer i Guardia", s/d. Disponível em: <http://centroestudioslibertarios.jimdo.com/francisco-ferrer-i-guardia> . Acessado em: 21 de junho de 2011.

RECLUS, Élisée. *Correspondencia. [De 1850 a 1905].* Selección a cargo de L. Fabbri. Buenos Aires, Iman, 1943

_____. A *Evolução, A Revolução e o Ideal Anarquista*, São Paulo, Imaginário, 2002

_____. *O homem e a Terra – Educação*. São Paulo, Imaginário, 2010

RECLUS, Élisée; KROPOTKIN, Piotr. *Escritos sobre Educação e Geografia*, São Paulo, Biblioteca Terra Livre, 2011

SILVA, Robledo Mendes da. A *Influência de Élisée Réclus na Educação Operária no Brasil: das Ciências Naturais à Educação Integral*, Dissertação de Mestrado, Unirio, 2010

SOLÀ, Pere. *Las escuelas racionalistas em Cataluña (1909-1939*). Barcelona, Tusquets, 1978

VICENTE MOSQUETE, Vicente, "Eliseo Reclus: compromiso social y libertad científica del siglo XIX para el siglo XXI", in ARNAU, Xavier; CALVO, Lluís; GIRÓN, Álvaro; NADAL, Francesc (eds.), *Ciència i Compromis Social: Élisée Reclus (1830-1905) i la Geografia de la Llibertat*, Res.d'Investigadors/CSIC, Barcelona, 2007